

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0022921

NO SENADO FED

LO

DENTE DA REPÚBLICA

JOÃO GOULART,

NA

SESSÃO DE 21 DE AGOSTO DE 1956

IMPRESA NACIONAL

F 350 003 5
G694d

F
328
G694

DISCURSO PROFERIDO NO SENADO FEDERAL

PELO

EXMO. SR. VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

JOÃO GOULART,

NA

SESSÃO DE 21 DE AGOSTO DE 1956

B0022921

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

1956

F
350.003 5
4694 d

MINISTÉRIO DE AGRICULTURA
EXC. S. A.

NÚMERO	DATA
F226	30/5/62

Uma vez ainda, sou envolvido por desmoralizada mas insidiosa trama, que, procurando ferir minha pessoa, atinge, igualmente, o prestígio da função pública para a qual o país me elegeu. Tenho buscado não ampliar o eco dos ataques que me têm sido dirigidos, recusando-me a um debate que menos contribuiria para justificar-me do que para nivelar-me ao baixo estalão pessoal das consciências de onde procedem. Desta feita, porém, nunca pelo veículo que os divulga ou mesmo pelo teor das acusações, mas, sim, pelas circunstâncias de que se envolve o fato, o qual se superpõe à minha pessoa e transcende o âmbito nacional, considero como de meu dever indeclinável trazer a minha palavra à Nação e a esta Casa, que presido por imperativo constitucional e de cujo convívio tanto me honro.

Tão logo eram divulgados os elementos supostamente comprovadores da acusação e já declarava eu, através da imprensa, tratar-se de uma nova e grosseira reedição da denominada "carta Brandi". Depoimentos e notas oficiais posteriores vieram confirmar as minhas palavras. Esboroava-se, logo, a investida caluniosa, desfeita nas suas próprias origens. Em menos de 48 horas convencia-se a Nação, mais uma vez, da torpeza dos métodos empregados por alguns de meus adversários e da miserável mentira que engendraram. Do ponto de vista pessoal, nada indicava, em consequência, a necessidade de que voltasse eu a rebater a torpe assacadiha.

Mais alto, porém, do que o plano em que se acha minha pessoa, visou a seta envenenada, que a calúnia armou nos arsenais da mistificação. O que se processa, nesses conturbados dias que a Nação vem vivendo, de algum tempo a esta parte, é a conjugação de impatrióticos esforços, na sistemática e organizada campanha de aviltamento da vida pública: pretende-se, pela subversão moral, a subversão das próprias instituições políticas. Todos estamos sendo envolvidos, o Executivo e o Legislativo, as Forças Armadas e o Poder Judiciário, nessa urldura na sombra, nesse tresloucado intento de, à custa do assalto a reputações pessoais, ir arrastando o país a um clima de ódio, de intranqüillidade e de imprevistos, a fim de forçar um clima de insegurança e de golpismo. Faz-se preciso reagir contra isso ou estaremos, também nós, os atingidos ou os indiferentes, tornando-nos cúmplices dêsse lento mas incessante envenenamento a que vai sendo submetida a Nação. Por isso, Senhores Senadores, sinto que devo falar, que devo lançar êsse brado de alerta antes que seja demasiado tarde. Não é a mim que procuro defender; não sou eu apenas o agredido ou o injustiçado. É o próprio país que sofre, por todos e cada um de nós; é a Nação que se debilita, na sua angústia ainda, mas que poderá, talvez cedo demais, romper os diques de seu desencanto.

Não é meu propósito, evidentemente, tomar a atenção desta Casa por demasiado tempo, com um relatório por demais detalhado. O assunto já está confiado a uma Comissão Parlamentar de Inquérito que não terá maiores dificuldades para desarticular inteiramente a

teia que se tentou armar. Recuso-me, de plano, a qualquer contestação que tenha o sentido de debate. Não descerei da autoridade do meu cargo para manter polêmicas em tórno de papéis de origens duvidosas, distribuídos pelas mesmas fontes que ainda recentemente estarreciam a Nação com a forjadura e divulgação de uma carta falsa.

A versão cavilosa que se pretende emprestar ao episódio demonstra, antes de mais nada, o completo desconhecimento da vida brasileira por parte daqueles que a inventaram. Há mais de trinta anos vem o nosso país, especialmente os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, sofrendo, periódicamente, crises no seu comércio de madeiras.

O que ocorreu em 1950 foi, notôriamente, retraimento do mercado argentino, ocasionando forte crise na indústria madeireira do nosso país, a qual sempre contou com aquêle tradicional mercado, que absorve mais de 70 por cento do produto brasileiro. Os reflexos dessa situação fizeram-se sentir com maior intensidade entre os produtores do Vale do Uruguai, que recorriam inclusive aos nossos poderes oficiais, buscando solução para o problema. Como homem público e como cidadão, faltaria ao meu dever se não levasse em consideração pedidos justos de uma laboriosa coletividade da região que nessa época representava na Assemb'êia Riograndense, deixando de apoiá-los na medida das minhas possibilidades. Não me negaria nunca a emprestar a minha modesta colaboração para a solução de questões de interêsse nacional. Ainda há poucos dias, quando da passagem pelo Brasil do ilustre Pre-

sidente Aramburu, transmiti-lhe reivindicações idênticas, que me foram trazidas por uma comissão de madeireiros que solicitava os meus officios junto ao govêrno argentino. Este fato basta, por si só, para revelar a inconsistência da malévola interpretação que se quis dar a um episódio comum na vida econômica do Sul do País. O que é preciso, Senhores Senadores — e para isto chamo a atenção desta Casa e da Nação — é que se saiba distinguir entre participar de um negócio, ou dêle tirar proveitos, e o interferir junto a autoridades, sejam nacionais ou estrangeiras, no objetivo de resolver problemas econômicos de interesse geral.

Por outro lado, não resistiu o embuste ao impacto dos argumentos, declarações e provas trazidas ao conhecimento público. A nota distribuída pela Embaixada e, posteriormente, o desmentido formal e categórico do próprio govêrno argentino acabaram reduzindo às suas mesquinhas proporções êsse ato de delinquência política.

Era do meu dever, Senhores Senadores, prestar êste depoimento à Nação. Jamais a êle me furtaria em respeito à dignidade das minhas funções. Se até aqui tenho silenciado em face de tôdas as afrontas, se até hoje tenho sido tolerante com os agravos e as injúrias, é que apenas a mim se procurava infamar. Se tudo tenho suportado com resignação, se jamais levantei a voz ou tomei revides pessoais, é que bem sabia que a mim, e tão só a mim, é que se buscava envolver nessa conjuração da mentira e do ódio. Hoje, porém, o que se quer, valendo-se das funções que

exerço, visando o mandato popular que me foi outorgado, é ferir a dignidade de um cargo, objetivando destruir o princípio da autoridade. Já agora, pois, não é um homem que se ergue, no sagrado direito de repelir a ofensa. É o segundo mandatário dêste país que vem usar a tribuna, com a energia que o momento impõe e as limitações ditadas pelo decôro de seu cargo, para preservar, com a consciência do seu dever, o prestígio da função que o povo lhe confiou. Rebelo-me, assim, na defesa das prerrogativas do meu mandato a que, pela inspiração do ódio, pelo gôsto da mentira, pelo amor a métodos sórdidos de combate ao adversário político, se continue, impunemente, a desfigurar a estrutura moral da Nação, de forma a ferir a dignidade de todos os poderes, como caminho à anarquia institucional e à subversão do regime.

Sinto chegada a hora de falar neste tom. A tolerância, parece que meus adversários a confundiram com o temor; o silêncio com a acomodação; a discrição com o recuo. Nada mais falso. Minha discrição, ante os botes da calúnia, deve-se à confiança ilimitada que deposito em que as fôrças vivas da Nação reagirão diante da insídia e em que a verdade esplenderá por fim, como fruto de investigações rigorosas e imparciais, como no caso da «Carta Brandi». Se me calo, às vêzes, é que a opinião pública, principalmente os trabalhadores e os humildes, já me conhecem de sobra, tão chegado a êles tenho até agora vivido. As constantes manifestações de solidariedade que venho recebendo, neste passo de minha carreira, têm sido altamente confortadoras — resultado que meus próprios

inimigos, querendo-me o mal, tão largamente me propiciam.

Nada tenho a temer do meu passado, como nada temo para o futuro. Sei que a causa a que me votei, na defesa das classes mais modestas e dos relevantes interesses econômicos e sociais da Nação, tem a enfrentar, sobretudo, as resistências do reacionarismo político mais impenitente. Saibam, porém, êsses adversários, que, com processos tais como os que têm sido utilizados contra mim, não conseguirão me intimidar ou desviar-me, pois luto por uma causa e por ela continuarei lutando, com igual energia e o mesmo desassombro. A cada calúnia que se levanta, a cada intriga que se urde, a cada falsidade que se maquina, respondem as minhas convicções e a minha fé com maior ardor e melhor confiança. É que nada viso para mim, senão para o meu país, que desejo, em futuro próximo, definitivamente entendido para a compreensão de seus verdadeiros problemas, liberto dêsse abismo de ódios que se quer cavar entre os homens, identificado, enfim, no propósito de construir um Brasil melhor e cada vez mais brasileiro.

Senhores Senadores:

Tenho procurado agir, no exercício de minhas funções, com o máximo de equilíbrio, buscando valer-me de uma isenção de que êste Senado é testemunha, de forma a evidenciar o quanto a serenidade e o espírito de tolerância são predicados que o Brasil está a exigir de todos os seus filhos, principalmente daqueles sobre cujos ombros recaem maiores parcelas de responsabi-

lidade. Tenho, por isto, transigido sempre que sinto poder a transigência servir aos interesses da Nação. Tôda a vez que têm surgido atritos ou desentendimentos que possam perturbar a paz social, invariavelmente tenho procurado estar presente, no objetivo de ajustar situações ou restabelecer equilíbrios. A todos tenho reclamado serenidade em face dos tormentos em que vivemos, justificando a necessidade de uma harmonia indispensável, em benefício do Brasil, e, mais do que isso, pedindo sacrifícios até, a fim de que não se aprofundem as incompreensões, não viceje o desencanto, não se instiguem os sofrimentos recalcados, pois que uns e outros, só por si, quando atizados, podem arrastar ao imprevisível. Assim, não se me pode acusar de haver levado lenha à fogueira. Enquanto isso, outros, que ontem me apontavam como agitador — estranho e melancólico capricho do destino político — procuram hoje, como desavorados naufragos da confiança pública, exaltar as paixões populares, explorando as dificuldades e as amarguras do povo.

Ao assumir a Presidência do Senado da República, tive oportunidade de declarar:

“Não excederei as fronteiras das minhas atribuições constitucionais, mas dentro delas, pela palavra e pelo exemplo, espero poder contribuir para que os últimos acontecimentos políticos, militares e eleitorais não sejam marcados a dividir o Brasil”. “Podem os brasileiros bem intencionados se dar as mãos e desempenhar em comum — sem mágoas ou malquerenças — uma grande parte da tarefa que o Brasil reclama de todos os seus filhos”.

“Estejam certos os nobres Senadores de que não servirei de eco senão aos propósitos de contribuir para a ordem, a paz e o bem-estar do povo brasileiro”.

Decorridos mais de seis meses, volto a falar e sinto que não faltei ao prometido. Fui fiel, mercê de Deus, a tôdas as afirmações e propósitos de entendimento e compreensão. Desgraçadamente, porém, menos por mim do que pelo país, devo lamentar a falta de reciprocidade por parte de certos grupos, ocultos ou ostensivos, que insistem em assestar contra mim, e mais do que contra mim, contra as instituições, as baterias da mistificação organizada.

Senhores Senadores:

Sei que é amargo o preço que pagam aquêles que, como eu, têm uma causa a defender e a ela tão profundamente se identificam. Em todos os tempos e em tôdas as partes tem sido assim. Bendigo, entretanto, o quinhão de sacrificios que me cabe, tão grandes e tão nobres são os ideais a que sirvo, na defesa dos desafortunados e no objetivo do engrandecimento nacional.

Contra mim já se jogaram tôdas as armas da calúnia, do abuso do poder e do estelionato político. Moço embora, com uma carreira política relativamente curta, acredito que nenhum homem público, possivelmente, neste país, terá como eu sofrido tantas e tão cruéis devassas em sua vida. A tudo, porém, resisti — os go'pes que se armaram contra mim esbarraram, impotentes, na limpidez da minha conduta. Pergunto, agora, o que restou de tudo isso? Apenas a evidência da calúnia sob a inspiração do ódio.

Mas, Senhores Senadores, será justo que continue a Nação indefinidamente sujeita a tais processos de achincalhe do homem público, sob a coberta de uma impunidade vergonhosa? Até quando estará a verdadeira imprensa, a imprensa honesta, sotrendo o vexame de participar de uma comunidade de aventureiros, que se alteiam pelo escândalo, como instrumentos da difamação? Até onde se permitirá que os mais altos poderes da República continuem sujeitos ao deboche, que não se rebate, à calúnia, que não se pune, às injustiças, que não se reparam? Chega-se ao ponto de pretender uma inversão dos axiomas penais, exigindo-se que faça a vítima a prova da falsidade da acusação ao invés de provarem os acusadores a veracidade de seus libelos.

Oxalá possa esta nova onda de infâmias que contra mim se assacou despertar, como o queiram os acusadores, a consciência nacional. Queira Deus tenha ela, como essência do bem que se destila do mal, o mérito de alertar a Nação, prevenindo-a contra as ciladas armadas à sua boa-fé por falsários a serviço da paixão política.

Parece que Deus quer dar a êste país o sentido das grandes interpretações e dos símbolos mais significativos. Há dois anos, precisamente, vítima de iguais calúnias, partidas das mesmas fontes que hoje investem contra mim, possivelmente a soldo ainda dos mesmos interesses inconfessáveis, dava-se em holocausto pelo Brasil o imortal Getúlio Vargas. Não se apagou, assim, a chama do rancor que o arrastou ao sacrificio extremo. Tenta-se atingi-lo ainda, através das infâmias que contra

mim se despejam. Esse é o intento dos que me atacam, inadvertidos de que minha identificação com o grande chefe morto enche-me de emoção e de orgulho.

Senhores Senadores:

Espero que este Senado e a Nação compreendam o sentido de minhas palavras. Elas são menos de revolta que de advertência. Um país como o nosso, na plena exuberância de sua vitalidade, com tão imensos e difíceis problemas a resolver por suas próprias forças, não pode continuar, como até aqui, sujeito ao impacto de paixões extremadas, que afinal nada constroem. É preciso, portanto, que cuidemos de estancar os focos da desagregação, que ameaçam o organismo nacional. A hora é de soluções. O que o povo e a Nação exigem dos homens públicos são remédios eficazes para os seus males. Da nossa parte, prosseguiremos firmes nesse propósito, como temos feito até agora, e nenhuma cavilação, nenhum engodo ou falsidade, por mais bem articulada que seja, conseguirá nos desviar dessa linha.

Temos uma missão a cumprir, que é a de tornar o Brasil cada vez mais justo e soberano, e a cumpriremos a qualquer preço. Não se permita que possam amanhã nossos filhos apontar-nos como uma geração que traiu seu destino. O que desejo, pois, em verdade, é que a Nação, através de tôdas as suas forças, se liberte dessa atmosfera de ódios e se disponha, efetivamente, ao trabalho ordenado, vigoroso e saudável da recuperação do tempo perdido, para assim construirmos, com a vitalidade de um povo jovem, o Brasil de amanhã.